



III Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica
III EnICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Câmpus Araraquara
19 e 20 de Setembro de 2018



REIS E RAINHAS DA ÁFRICA

LIGIA SANTOS DE OLIVEIRA¹, ANDRE SANTOS LUIGI²

¹ Estudante do Segundo do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio no IFSP Câmpus Registro, ligia_santos_oliveira@hotmail.com

² Professor de História do IFSP Câmpus Registro, andre.luigi@ifsp.edu.br

Área de conhecimento: História – 7.05.00.00-2

RESUMO: Esta pesquisa busca construir trinta verbetes sobre Reis e Rainhas da África para disponibilizar em um website com o objetivo de subsidiar a implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A justificativa se fundamenta pelos estudos que apontam que o desconhecimento acerca da História da África é um dos principais obstáculos para a implementação das Diretrizes Curriculares. A pesquisa também busca sustentação em trabalhos que demonstram o grande potencial que a História da África detém para problematizar a abordagem eurocêntrica, bem como desmontar os estereótipos negativos normalmente associados aos africanos e seus descendentes no currículo escolar. Metodologicamente, a pesquisa aborda a bibliografia historiográfica enquanto os processos de construção da memória e da identidade social, bem como seus desdobramentos na disputa pela apropriação do ensino de História enquanto *lugar de memória*. Após a pesquisa bibliográfica, os verbetes cuidarão para tentar construir textos que não reproduzam uma concepção colonizada do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: história da África; ensino de história; relações étnico-raciais; memória social.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste na construção de trinta verbetes sobre a História de grandes reis e rainhas da África. Tais personagens remetem a todos os períodos da História da África, abrangendo desde o Egito Antigo até o contexto de lutas pela descolonização do continente no século XX. Estes personagens foram selecionados de acordo com a coleção “Grandes Reis e Rainhas da África” elaborada pela cervejaria Budweiser. Nos anos setenta esta coleção habitou escolas, comércios e igrejas das comunidades negras norte-americanas. Tratava-se de uma estratégia de marketing que buscava embarcar na onda do Movimento dos Direitos Civis que, apesar das críticas que recebeu, nunca teve sua qualidade historiográfica e artística questionada¹.

O objetivo é disponibilizar tais verbetes em um *site* para que educandos e educadores de todo o Vale do Ribeira possam acessá-los. A construção do *site* já foi iniciado e está on-line². As estratégias de divulgação do material ainda estão em discussão e também deve evoluir articulação com outros pesquisadores. Também há a intenção de buscar articulações para a construção de propostas didáticas para cada um dos verbetes.

A metodologia de pesquisa para os verbetes seguirá o método historiográfico, com ênfase para a problematização da construção da memória social (HALBWACKS, 2004) e suas articulações com a historiografia (POLLACK, 1989), bem como a apropriação do ensino de História como um lugar de memória (NORA, 1993). Além da metodologia da pesquisa histórica, busca-se discutir o eurocentrismo (CHESNAUX, 1995) do currículo de História e o conseqüente processo de colonização do saber e suas conseqüências para a construção da identidade (CANDAU & OLIVEIRA, 2012).

¹LYON, Jeff. The King of Beer. *Chicago Tribune*. 12 mar. 1995. Disponível em http://articles.chicagotribune.com/1995-03-12/features/9503120261_1_african-american-budweiser-school-reform Acesso em 14 de Julho de 2018.

²<https://historiaafricana.wordpress.com/>

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A aprovação da Lei 10639 em 2003 atendeu uma demanda histórica do movimento negro ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluir o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica. Já em 2004, o Conselho Nacional de Educação, através do parecer da conselheira Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e da África, tornando-se então o documento referencial para a implementação da Educação Anti-Racista (BRASIL, 2004).

As Diretrizes compõem um projeto pedagógico que articula educação, memória e identidade. Seu projeto se apresenta estrutura em dois pilares. O primeiro pilar é a Educação para as Relações Étnico-Raciais, espaço de uma prática educadora crítica sobre os processos de construção das desigualdades a partir dos privilégios raciais. O segundo pilar é o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e da África. Este pilar busca construir memórias e identidades negras positivas, capazes de romper com o estereótipo da escravidão, sofrimento e miséria que muitas vezes acabam por reificar a história e a cultura africana e afro-brasileira (LUIGI, 2015).

Iniciou-se, desde então, uma longa caminhada diante dos desafios que dificultam a abertura dos currículos escolares para o enfrentamento do racismo. Dentre tais desafios, está o desconhecimento de educadores e educandos sobre a História da África (OLIVEIRA, 2012). Desta forma, a justificativa desta pesquisa é colaborar com a superação deste desafio.

METODOLOGIA

Halbwachs (2004) discute como a identidade individual se articula com as referências fornecidas pelas memórias sociais, problematizando como a política busca controlar a construção de memoriais sociais. Pollack (1989) compreende como a historiografia se envolve com a construção da memória validando determinadas perspectivas do passado. Nora (1993) aponta que certos “lugares” se tornam espaços de “produção de memória”, como museus, monumentos, e, em especial, os currículos de História. Desta forma, partimos do pressuposto que o currículo de História, tal qual se apresenta atualmente, segue um projeto de poder ao perpetuar uma memória que coloca a Europa como elemento central. A leitura do texto de Chesneau (1995) demonstrou como o projeto do “quadripartismo histórico” é excludente. Desta forma, ficou evidente que a pesquisa bibliográfica deveria manter em perspectiva a contribuição crítica que tais autores promovem.

Por outro lado, o acesso a leitura de autores que trabalham com a História da África como possibilidade de romper um processo que denominam como “colonização” do conhecimento ofereceu um referencial para a construção dos verbetes (CANDAU & OLIVEIRA, 2010). A História da África, abordada nesta perspectiva “decolonial” guarda grande potencial transformador, uma vez que busca fortalecer um ponto de vista que segue na contramão do eurocentrismo, mostrando uma visão positiva dos africanos. Logo, tornou-se possível manter o rigor historiográfico tendo em vista a questão da memória e da identidade social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro verbete construído é sobre a Faraó Cleópatra. As leituras realizadas deixam evidente as disputas em torno da construção da memória acerca desta personagem.

A pesquisa para este verbete partiu das problematizações levantadas pelo texto “Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade”, de Ella Shohat (2004). A autora parte da hipótese que Cleópatra perdeu, pouco a pouco, sua personalidade se tornando um simulacro da civilização ocidental. A autora discute a dimensão civilizacional, de gênero, raça e político.

Do ponto de vista civilizacional a maior parte dos textos enfatizam a posição de Cleópatra como herdeira cultura clássica grega na medida em que se filia à dinastia Ptolomaica. Alguns textos, inclusive, ressaltam o quanto os gregos contribuíram para a evolução civilizacional egípcia sem problematizar o processo de conquista e invasão encaminhado por Alexandre e conseqüente exploração Ptolomaica.

Outro aspecto a ser discutido é o gênero. Textos diversos, inclusive em alguns verbetes de enciclopédias eletrônicas, destacam mais a beleza e a sensualidade da personagem do que o fato de dela ter se tornado uma Faraó. Além disso, Cleópatra se tornou um símbolo dos desejos masculinos, a passo que se evidencia o fato de ter seduzido grandes personagens da História, sendo inconcebível encará-la como uma grande estrategista política.

Finalmente, o debate acerca de suas características raciais partiu dos estudos arqueológicos que apontam para os traços negroides dos egípcios. Entretanto, popularizou-se a imagem de egípcios como brancos. Uma imagem que atingiu o ápice com a interpretação de Cleópatra por Elizabeth Taylor, em 1963. Desde então diversos debates acerca das características dos egípcios e, em especial, de Cleópatra, se cristalizaram em meio aos egiptólogos. Entretanto, persiste a representação dos egípcios como pessoas brancas, tanto que em 2016 assistimos à confirmação de que o filme estrelado por Elizabeth Taylor seria recuperado tendo Angelina Jolie no papel de Cleópatra.

A figura de Cleópatra da coleção foi produzida pela artista Ann Marshall como uma mulher negra. Assim, o verbete buscará problematizar suas características para apresentar o debate acerca da apropriação de sua memória.

CONCLUSÕES

A etapa atual da pesquisa já alcançou um de seus objetivos: demonstrar como a historiografia está envolvida em projetos de construção da memória coletiva e suas consequências para a construção das identidades sociais. Atualmente, a pesquisa está na fase de elaboração do verbete. Sua composição procurará apresentar uma descrição minimamente fidedigna da biografia de Cleópatra, destacando, entretanto, as polêmicas entorno de sua memória.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Ministério da Educação. 2004.

CHESNEAUX, Jean. Ensino de História: As armadilhas do quadripartismo histórico. In: **Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores**. São Paulo: Ática, 1995 p. 92-99.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

LUIGI, André Santos. O ensino de História da África: interfaces entre a legislação federal e o currículo de História do estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, 2015.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Luiz. Fernandes de. **História da África e dos Africanos na escola**. Desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes & CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, n. 2, vol. 3. Rio de Janeiro, 1989, pp. 03-15.

_____. “Memória e identidade social”. **Estudos Históricos**, n. 5, vol. 10. Rio de Janeiro, 1992. p. 200-212.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, p. 11-54, Dec. 2004.